

## SOBRE A “MULATIZAÇÃO” DA LITERATURA O CASO DO ESCRITOR HUGO LOETSCHER

Num dos clássicos da literatura alemã medieval – *Parsifal* – a história inicia-se com as aventuras do rei Gachmuret; aventuras tanto no campo de batalha como na cama. Depois de uma vitória em terras africanas, Gachmuret ganha o amor da rainha Belakane. Casam-se, mas pouco tempo depois, Gachmuret foge para a Europa. Ali, a história repete-se, depois de mais uma vitória com as armas, volta a casar, desta vez com Herzeloide, uma rainha branca. Logo a seguir, Gachmuret morre, sem conhecer nenhum dos seus filhos, sem saber até que tinha engravidado as suas duas mulheres. Do casamento com Herzeloide vai nascer o Parsifal, do outro casamento nasce o seu meio irmão Feirefiz. No fim da história, os dois irmãos combatem num duelo, mas a morte fraterna vai ser evitada quando Parsifal consegue ver a cara de Feirefiz, pois sabia que o seu meio irmão era “swarz und blanc her unde dâ” o que significa: com manchas pretas e brancas.<sup>1</sup> De facto, Feirefiz deve ser um dos primeiros mulatos na literatura alemã. A ideia que o autor Wolfram von Eschenbach tinha de mulatos vinha directamente do mundo dos animais. Julgava que um mulato deveria ser como uma vaquinha ou um cãozinho: um fundo branco ou preto com manchas na outra cor. Este tipo de ideias fantásticas sobre o que significa ser mulato e, para além disso, o que é ser crioulo, o que é mestiçagem ou miscigenação não datam só da Idade Média. Podem surgir até nos momentos mais inesperados, ao ler, por exemplo, uma obra de uma das cientistas literárias alemãs mais viradas para as novas tendências multiculturais na análise literária: Doris Bachmann-Medick. Ao falar sobre a “tradução entre as culturas”, Bachmann-Medick vê a certa altura a necessidade de explicar que “este tipo de tradução é sobretudo importante nas culturas misturadas, que se encontram por exemplo na Índia ou na América Latina, já que as línguas indianas e crioulas são uma mistura de diferentes

---

<sup>1</sup> WOLFRAM VON ESCHENBACH - *Parzival*, Stuttgart, 1981, p.536.

línguas”.<sup>2</sup> É chocante constatar que até pessoas como ela, que compreenderam que é mais do que urgente acabar com o chauvinismo nacionalista no estudo literário, caem no erro de considerar que quem é misturado, são os outros. Esta lenda, de que os europeus brancos são “puros” e que as suas línguas são “originais” continua, de facto, a persistir até aos nossos dias. Hugo Loetscher é muito claro neste ponto e defende que aqueles que gritam “Alemanha para os Alemães, estrangeiros fora!” deveriam ser consequentes e começar por enviar as batatas e os tomates de volta para a América, só assim se poderia dar cabo destas horríveis influências estrangeiras e verdadeiras ameaças para a entidade alemã, tais como as pizzas ou as batatas fritas.<sup>3</sup> No que diz respeito às ciências humanas, o antropólogo Clifford Geertz defende que temos que abandonar o nosso hábito de dividir o mundo em diferentes culturas. Considera que é impossível escrever ainda trabalhos independentes sobre a música javana ou poesia marroquina, estruturas familiares africanas ou direito alemão, uma vez que hoje, todos estes temas já não podem ser compreendidos sem serem relacionados com outros, com a sua situação e com os acontecimentos internacionais, nos quais estão, inevitavelmente, envolvidos.<sup>4</sup> Mas enquanto que em quase todos os domínios culturais, seja na fotografia, na arquitectura ou na música, a investigação já há muito se internacionalizou, na literatura, esta ligação romântica entre a nação e a “sua” literatura continua a existir. O crítico literário norte-americano Jeffrey Peck, fala neste âmbito da “nacionalização” da literatura, como sendo um preço que teve de pagar para ser aceite no campo académico.<sup>5</sup> Nas universidades, as literaturas continuam, regra geral, ser divididas segundo a língua e às vezes até segundo o país ao qual “pertencem”. No estudo literário sobre Hugo Loetscher, este atraso é muito visível. Ao consultar literatura secundária sobre

---

<sup>2</sup> “An diesem Punkt erhält auch die metaphorisch anmutende Perspektive von “Kultur als Übersetzung” einen konkreten Bezug, vor allem sobald man die “gemischten”, zusammengesetzten Kulturen selbst betrachtet, wie etwa diejenigen in Indien oder in den synkretistischen Gesellschaften Lateinamerikas. Diese sind unausweichlich auf Übersetzung angewiesen – nicht nur zwischen Texten, sondern auch zwischen den verschiedenen kulturinternen Traditionssträngen und Erfahrungsgeschichten einer komplexen, ungleichzeitigen Lebenswelt. Schliesslich sind die indischen oder kreolischen Sprachen selbst interlingual angelegt, d.h., sie bestehen bereits ihrerseits aus einer Mischung verschiedener Sprachen.” BACHMANN-MEDICK, Doris - *Übersetzung als Repräsentation fremder Kulturen*, Berlin, 1997, p. 16.

<sup>3</sup> LOETSCHER, Hugo - *Der Waschküchenschlüssel oder Was – wenn Gott Schweizer wäre*, Zürich, 1983=1988, pp. 19-22.

<sup>4</sup> GEERTZ, Clifford - *Welt in Stücken: Kultur und Politik am Ende des 20. Jahrhunderts*, Wien, 1996, pp. 22-23.

<sup>5</sup> “Literature had been established as a credible academic field, but at the cost of nationalizing the discipline and of situating literature in a field identified with language and philological study, with an almost exclusive focus on literature.” PECK, Jeffrey M. - *Culture/Contexture. Explorations in Anthropology and Literary Studies*, Berkeley-Los Angeles-London, 1996, p. 16.

Loetscher, uma pessoa constantemente é confrontada com observações em que se tenta demonstrar que Loetscher não é um típico escritor suíço, como se isso fosse algo especial ou até anormal. Ao analisar a sua obra dentro de uma tradição suíça, perde-se inevitavelmente muito do seu valor, porque a obra de Loetscher é tão híbrida que em vez de chamar Loetscher um “escritor suíço”, é preferível a designação “um mulato literário”.

No seu romance *O Imune* [*Der Immune*, 1975], há um capítulo intitulado “Retrato falado de um Poeta” [“Ein Robot-Bild des Dichters”] onde, quase como num jogo de enigma, são apresentados vários poetas. Fala-se, por exemplo, numa poetisa que comparava os seios das raparigas com abelhas, cujo mel queria beber e que se precipitou no mar do alto de um rochedo, ou noutra que se ofereceu a Jesus Cristo como uma massa para que Ele fizesse pão a partir do corpo dela e que se queria transformar num pão, que pela fome que sente pelo comedor acaba por se comer a si próprio. Outro poeta escrevia até sem caneta, pois sendo preso pelos índios, passava a escrever os seus poemas na areia da praia. Mais difícil ainda tornou-se o controlo de um colega seu, que só em Portugal costumava usar até quatro nomes diferentes.<sup>6</sup> Trata-se, evidentemente, de Safo, Teresa d’Ávila, José de Anchieta e Fernando Pessoa. Com base nestes e muitos outros poetas, tais como Juana Inés de la Cruz, Emily Dickinson, Heinrich Heine ou Pablo Neruda, Loetscher constrói o seu próprio poema. Trata-se de um poema global, que não distingue língua, cultura, nacionalidade, sexo ou época e que oferece, deste modo, um conjunto quase infinito de possibilidades de interpretação e análise. Um poema assim parece-nos hoje tão actual, tão pós-moderno que se poderia pensar tratar-se de uma obra muito recente. Mas não, o romance *O Imune* de Loetscher foi publicado em 1975 e é assim, uma das primeiras obras pós-modernas em alemão. Cada capítulo deste livro tem uma linguagem diferente: o capítulo “O Cântico do Álcool” [“Das Hohe Lied des Alkohols”] lê-se como se fosse uma missa, “Sightseeing proletário” [“Proletarier Sightseeing”] foi escrito como um guia turístico, “O experimento monstruoso” [“Das Monster-Experiment”] é uma história de horror e o capítulo “Como usar um homossexual?” [“Wie benutzt man einen Homosexuellen?”] usa a linguagem de um modo de emprego. Por isso, não é de estranhar que Loetscher, quando estava como “writer in residence” na City University de Nova York, publicou uma série de discursos com o título: “How many Languages does Man Need?” (1982) onde defende que o estilo e a linguagem literários dependem da

---

<sup>6</sup> LOETSCHER, Hugo - *Der Immune*, Zürich, 1975=1985, pp. 435-438.

<sup>7</sup> LOETSCHER, Hugo - *Vom Erzählen erzählen*, Zürich, 1988=1999, pp. 149-150.

situação. Tal como se usa uma linguagem diferente ao falar com uma criança de ao falar com um colega da universidade, também na literatura, é a situação que determina o tipo de linguagem, defende Loetscher. Por isso, o que pretende alcançar com a sua escrita é um tipo de linguagem que não só tem boca, como também ouvidos.<sup>7</sup>

O poliglotismo literário que Loetscher aqui defende não é só um problema linguístico, é também existencial, sobretudo numa sociedade pós-moderna, numa sociedade sem fronteiras. Num capítulo intermediário do romance *O Imune*, Loetscher parafraseia o cubano José Martí, e escreve: “de preferência, teria ido em todas as direcções e regressado de todas as direcções, até que cada lugar estrangeiro se tornasse num lugar familiar, até que tudo que lhe fosse familiar começasse a parecer-se com o estrangeiro e a diferença entre o familiar e o estrangeiro deixasse de existir”.<sup>8</sup> Assim sendo, vai pôr em questão várias metáforas tradicionais, como, por exemplo, perguntas relacionadas com as nossas raízes. Loetscher defende que não tem raízes, o que tem, são pés.<sup>9</sup> Já na sua tese de doutoramento, em 1956, Loetscher defendeu uma ideia semelhante: “Não quero identificar a pátria com uma nação, com um lugar de nascimento. A pátria para mim não é algo definitivo, mas sim algo que se vai construindo, algo que se vai alargando aos poucos e cujas fronteiras constantemente avançam”.<sup>10</sup>

Esta ideia de uma pátria com fronteiras móveis é, segundo o antropólogo norte-americano James Clifford, um tema que durante séculos foi esquecido na etnografia. Na sua obra *Routes* (1997), Clifford pretende quebrar definitivamente com a tradição de apenas estudar aqueles que ficaram em casa. Tenta, pelo contrário, chegar a uma dialéctica entre a figura cultural do “nativo” e a figura intercultural do “viajante”. Trata-se, assim, de uma dialéctica que Loetscher também procurou realizar numa história intitulada “A partida” [“Der Aufbruch”]: no porto de Lisboa, um navegador português e um jovem suíço que queria embarcar numa caravela, encontram-se e começam a comparar duas doenças típicas da sua nação. O Suíço chama-a de “Heimweh” ou ainda, como se diz na França, “une maladie suisse”, o

---

<sup>8</sup> „Am liebsten wäre er in alle Richtungen gegangen und aus allen Richtungen zurückgekehrt, bis jeder fremde Ort ein vertrauter wurde, jeder vertraute sich einem fremden an und es keinen Unterschied mehr gab zwischen vertraut und unvertraut.“ LOETSCHER, Hugo - *Der Immune*, Zürich, 1975=1985, p. 93.

<sup>9</sup> LOETSCHER, Hugo - *Die Papiere des Immunen*, Zürich, 1986, p. 192.

<sup>10</sup> „Heimatlosigkeit ist dies nur dann, wenn man mit Heimat den Begriff der Nation, des Geburtsortes identisch erklärt, man nehme Heimat als etwas Gegebenes, und nicht als etwas, das man sich fortwährend erwirbt, als etwas, das man sich stets vergrößert und dessen Grenzen man stets verschiebt [...]“ LOETSCHER, Hugo - “Der Philosoph vor der Politik”, Doktorarbeit Universität Zürich, 1956, p. 110.

português fala da "saudade". Descobrem então, que, por mais diferentes que sejam a suas terras de origem, no que diz respeito ao tipo de melancolia que sentem no peito, são muito parecidos.<sup>11</sup>

Tal como Salman Rushdie, que na sua obra *Imaginary Homelands* (1991) defende que a literatura precisa de novos e melhores mapas da realidade e de novas línguas para podermos compreender o mundo actual,<sup>12</sup> Loetscher já em 1982 tinha criticado o nosso vocabulário por ser demasiado "plano". Na língua, a terra continua a ser plana e a Europa continua a ser o centro. Deveríamos, por isso, defende Loetscher, procurar uma língua que se orienta ao globo e já não às cartas geográficas.<sup>13</sup>

É neste desejo de conseguir uma língua redonda e global que, na opinião de Rosmarie Zeller da Universidade de Freiburg/Fribourg, reside a principal característica inovadora do romance *O Imune*.<sup>14</sup>

No seu ensaio "A nice accent", Loetscher defende a importância de uma situação híbrida na língua; influências estrangeiras não são vistas como uma ameaça, mas, antes pelo contrário, como uma possibilidade para a criação de algo novo. Segundo Loetscher, acabaram os tempos em que o objectivo era conseguir cumprir 100 % com as regras de uma língua. Para ele, o futuro está na flexibilidade e na individualidade linguística; assim, diz Loetscher: o nosso futuro terá um "nice accent".<sup>15</sup>

Mas não é só o conceito de língua que Loetscher insiste ver como um resultado fluído de uma evolução histórica. Também a natureza, para ele, é tudo menos

<sup>11</sup> LOETSCHER, Hugo - *Die Papiere des Immunen*, Zürich, 1986, pp. 197-217.

<sup>12</sup> „Ausserhalb des Wals besteht ein echtes Bedürfnis nach politischer Fiktion, nach Büchern, die neue und bessere Landkarten der Realität zeichnen und neue Sprachen schaffen, mit deren Hilfe wir die Welt verstehen lernen.“ RUSHDIE, Salman - *Heimatländer der Phantasie*, München, 1991=1992, p. 130.

<sup>13</sup> LOETSCHER, Hugo - *Der Waschküchenschlüssel oder Was – wenn Gott Schweizer wäre*, Zürich, 1983=1988, pp. 37-44.

<sup>14</sup> „Loetscher muss zu besonderen Mitteln greifen, um uns diese Welt, die wir nur zu leicht mit Flugzeuggeschwindigkeit überfliegen, bewusst zu machen. Dafür stehen ihm die Vielsprachigkeit und das damit zusammenhängende Verfahren der Verfremdung zur Verfügung. Vielsprachigkeit in der eigenen Sprache bedeutet zum einen, die vielen vorhandenen Sprachen ausnützen, die Soziolekte genauso wie die Fachsprachen, zum andern bedeutet es, neue Sprachen schaffen im Sinne des Immunen, der nach einer kugelförmigen Sprache verlangt, nach einer Sprache, die die Erdumdrehung mitmacht; die alles mit allem in Beziehung setzt. Einer Sprache also, die metaphorisch ist, die uns einerseits Fremdes nahebringen, andererseits Bekanntes verfremden kann.“ ZELLER, Rosmarie - "Vielsprachigkeit und Verfremdung im Werk Hugo Loetschers", *Schweizer Monatshefte*, Heft XII, 1989, p. 1036.

<sup>15</sup> LOETSCHER, Hugo - *A nice accent*, Zürich, 2000, p. 70.

mítica. Na sua obra *Outono na Grande Laranja* [*Herbst in der grossen Orange*, 1982], escreve sobre a cidade de Los Angeles, uma cidade verde, mesmo no Outono, por causa das árvores que foram importadas e muitas outras plantas cujas sementes não entraram no país pelo vento ou pelas abelhas, mas sim pelo correio, por aviões ou pelos milhares de emigrantes. Elas mantêm esta cidade verde, o ano todo, e não se envergonham por ter deixado atrás de si os seus países de origem e os seus continentes. Enraizaram-se em Los Angeles como se tivessem tido desde sempre as suas raízes nesta cidade.<sup>16</sup>

Em relação à sua pátria, Loetscher, ironicamente, pretende ser “um etnólogo da sua própria tribo”. Por isso, tenta ver e descrever as coisas com outros olhos, como, p.ex., na sua mais famosa história “O descobrimento da Suíça” [“Die Entdeckung der Schweiz”]. Na Colômbia, uma menina perguntou-lhe quem tinha sido o descobridor da Suíça. Como não conseguiu responder, decidiu inventar uma descoberta do seu país. Desta vez, quem descobre, não são os europeus, mas um grupo de bravos guerreiros índios que vão subindo o rio Reno até chegarem ao País do Ouro, também chamado a Suíça.

Sobre o tema dos descobrimentos, a autora norte-americana de origem mexicana Cherric Moraga escreveu no seu romance *The Last Generation*: “A única descoberta que ainda tem que ser feita é a nossa própria descoberta como membros de uma sociedade global.”<sup>17</sup> Na sua história “A outra Antiguidade” [“Die andere Antike”], Loetscher conta uma descoberta que faz lembrar muito esta ideia de Moraga. Um estudante suíço está na Grécia e encontra um jovem norte-americano. Com um ligeiro tom de superioridade europeia na voz, o suíço pergunta o que o americano achava da “nossa” antiguidade. Este, no entanto, começa a comparar a antiguidade europeia com a antiguidade... americana. Compara gregos com olmecas e os templos de Atenas com os que tinha visitado em Villahermosa no México. Conclui dizendo que estava curioso por conhecer a antiguidade asiática, já que o seu pai, diplomata, teve que se mudar para a Índia. Trata-se de um encontro autobiográfico, no qual Loetscher descobriu que a “nossa” antiguidade apenas é uma entre muitas e jurou um dia ter mais do que uma antiguidade.

O que naquela altura ainda não podia saber, era que uma pequeníssima ilha nas Caraíbas – Saint Lucia – passaria a ser o palco de uma briga entre Heitor e Aquiles em que se insultaram: “‘Ous croire ‘ous c’est roi Gros Ilet? Voleur bomme! / Pensas mesmo, que és o Rei do Gros îlet, bandido? / Then in English: I go show

<sup>16</sup> LOETSCHER, Hugo - *Herbst in der Grossen Orange*, Zürich, 1982=1984, pp. 7-18.

<sup>17</sup> “The only “discovery” to be made is the rediscovery of ourselves as members of the global community.” MORAGA, Cherric - *The Last Generation*, Boston, 1992, p. 174.

you who is king! Come!” É assim que começa a luta entre os rivais na epopeia *Omeros* de Derek Walcott.<sup>18</sup> Walcott que corrigiu a famosa frase do seu colega V.S. Naipaul da ilha de Trinidad “Nothing was created in the West Indies”, juntando apenas três palavras, mas dando, desta forma, uma interpretação completamente diferente à frase: “Nothing was created *by the British* in the West Indies”. E, em reacção a isso, decidiu criar a sua própria antiguidade para a sua pequena ilha.

Não foi, no entanto, nas Caraíbas que Loetscher foi confrontado com um tal hibridismo pós-colonial, mas sim no Brasil. Um país onde logo se apaixonou por uma frase mágica, uma frase impossível num contexto europeu, mas que no Brasil se diz com uma grande naturalidade: “Somos todos brasileiros”. Não hesitou então em se considerar um auto-proclamado brasileiro. No seu livro *Mundo Milagroso* [*Wunderwelt*, 1979] que se passa no Sertão do Nordeste brasileiro, Loetscher tenta fazer uma lista de todos os estrangeiros que lá tinham chegado. Começa pelos próprios índios e depois os portugueses, os africanos, os franceses e holandeses, os missionários, os cientistas, os biólogos e os zoólogos, os engenheiros, os ciganos, os japoneses, os judeus, os turcos e libaneses e no fim, pergunta: “porque é que não havia de chegar mais um estrangeiro? Um estrangeiro, como eu”.<sup>19</sup> Uma tal solidariedade brasileira para com os estrangeiros faz lembrar Julia Kristeva que na sua obra *Étrangers à nous-mêmes* escreve: “O estrangeiro está dentro de mim, por isso, nós somos todos estrangeiros” e ainda: “Se eu também for estrangeiro, deixa de haver estrangeiros”<sup>20</sup>

Fundamental no seu processo de globalização foi o conceito da imunidade. Loetscher defende que apenas quem fica fechado numa aldeia consegue – em teoria - controlar os seus sentimentos; mas no momento em que esta aldeia se torna um mundo, qualquer sentimento espontâneo se torna problemático, porque seria impossível lidar com o sofrimento de milhões de pessoas à nossa volta. Por isso, decidiu introduzir na sua literatura o conceito da imunidade. Imunidade não como objectivo, mas como condição para poder sobreviver e agir numa aldeia com seis biliões de habitantes, como um “*Déserteur engangé*” – o título bem escolhido da tradução francesa do romance – ou seja, como alguém que só se consegue comprometer depois de ter desertado.

---

<sup>18</sup> “‘Ous croire ‘ous c’est roi Gros Ilet? Voleur bomme! / Glaubst wohl, du bist König von Gros Ilet, Strauchdieb? / Then in English: I go show you who is king! Come!’ WALCOTT, Derek - *Omeros*, München-Wien, 1999 [1995], p. 21.

<sup>19</sup> LOETSCHER, Hugo - *Wunderwelt. Eine brasilianische Begegnung*, Zürich, 1983 [1979], pp. 149-151.

<sup>20</sup> “Das Fremde ist in mir, also sind wir alle Fremde. Wenn ich Fremder bin, gibt es keine Fremden.” KRISTEVA, Julia - *Fremde sind wir uns selbst*, Frankfurt a.M., 1990 [1988], p. 209.

E na qualidade de um “desertado comprometido” viajou imenso. Fez, por exemplo, mais de trinta viagens a Portugal. O principal objectivo que o trouxe a Portugal foi, sem dúvida, a curiosidade de conhecer um país “à margem da Europa”, quase desconhecido no resto do continente. Loetscher chegou a Lisboa no início 1964 e desde logo foi confrontado com uma ditadura em agonia. Achou que era necessário informar, não só sobre Portugal em geral, mas também sobre uma ditadura que na sua opinião não era suficientemente levada a sério no resto da Europa. Conseguiu convencer a televisão suíça a fazer um filme sobre Portugal. O filme foi feito na Primavera de 1964, mas enquanto as imagens - sempre gravadas sob controlo da PIDE - eram inofensivas, o texto que as acompanhava era uma crítica severa ao regime salazarista. Trata-se de uma “elegia política” intitulada “Ó Senhor Salazar” [“Ach, Herr Salazar”] em que o ditador é directamente interpelado. No texto, Loetscher mistura um estilo jornalístico com um estilo literário. Enquanto descreve é inofensivo, mas uma só frase ou palavra acaba por tornar tudo que tinha escrito anteriormente numa grave acusação. Uma acusação que termina com a uma imagem da Capela dos Ossos de Évora. O comentário de Loetscher é o seguinte:

Na capela dos ossos em Évora / está escrito: / Nós, ossos / que aqui estamos, / pelos vossos esperamos.

Isto é que é democracia. / Aqui reina a irmandade, / crânio sobre crânio / sem oposição, / apenas alguma argamassa pelo meio.

Mas antes da morte / há outras possibilidades / de fazer chegar a justiça às mãos de todos, / mesmo desempenhando / a morte melhor o papel.

Ó Senhor Salazar, / LIBERDADE também é uma palavra portuguesa.<sup>21</sup>

Uma hora antes da emissão, a exibição do filme foi cancelada. Parece estranho, mas, paradoxalmente, este cancelamento contribuiu muito para que Loetscher pudesse alcançar o seu objectivo. A “questão Loetscher” causou um grande escândalo na opinião pública de um país que se considera um dos mais democráticos do mundo. Nunca se tinha falado tanto sobre Portugal na Suíça e até nos jornais desportivos saíram artigos discutindo a situação política no país de Eusébio: “Ó Senhor Salazar / faz favor, coloque-se na baliza / quando o Eusébio está prestes a rematar”, escreveu

---

<sup>21</sup> “Über der Knochenkapelle von Evora / steht der Satz: / Wir Knochen, / die wir hier liegen, / warten auf die euren.

Das ist die totale Demokratie. / Hier herrscht die Brüderlichkeit, / Schädel um Schädel, / ohne Opposition, / nur mit etwas Mörtel.

Aber vor dem Tode / gibt es andere Möglichkeiten, / jedem das gleiche Recht zukommen zu lassen, / selbst wenn der Tod / das Programm besser erfüllt.

Ach, Herr Salazar, / “Freiheit” ist auch ein portugiesisches Wort. / Es heisst in Ihrer Sprache: / LIBERDADE.” LOETSCHER, Hugo - *Das Hugo Loetscher Lesebuch*, Zürich, 1984 [1964], p. 38.



Hans Rudolf Hilty.<sup>22</sup> Além de conseguir cumprir o seu objectivo sem que nada fosse mostrado – o filme, aliás, “perdeu-se” – Loetscher tinha ficado famoso a nível nacional.

Uma vez que um regresso a Portugal só foi possível depois do 25 de Abril, Loetscher, que até passou a chamar-se a si próprio “um português de água doce”, decidiu seguir os passos do jesuíta António Vieira, cujo sermão de Santo António aos Peixes tinha editado em alemão. Tal como Vieira, embarca para o Brasil e chega ao Rio na noite do carnaval carioca. As suas primeiras publicações sobre o Brasil – a mais importante das quais uma edição da revista *Du* (1967), dedicada à Bahia – ainda dão conta de uma imagem algo ingénua do Brasil. O Brasil surge como um país do futuro, onde o processo da democratização étnica, da igualdade racial e da “mulatização” da sociedade já está muito adiantado. O mesmo Loetscher que pouco tempo antes tinha criticado o analfabetismo, a pobreza ou a censura causados pela ditadura de Salazar, agora não parece ver nada disso num país que vivia sob um regime ditatorial que em nenhum destes pontos se distinguia de Portugal. Mas o sonho tropical demora pouco tempo, uma segunda viagem leva-o para o interior do Nordeste e seguem-se vários artigos críticos, sobre o negócio da Seca no Nordeste, sobre o regime ditatorial ou ainda uma importante entrevista com Dom Helder Câmara, que vão corrigir esta imagem ingénua do Brasil. Mesmo assim, Loetscher continua fiel ao seu sonho de uma sociedade mulatizada, embora, dando também voz àqueles que defendem outro rumo para o Brasil, como, p.ex., o afro-brasileiro Abdias do Nascimento que acusa o racismo no Brasil e que vê na miscigenação um branqueamento disfarçado e, por isso, uma ameaça para a cultura afro-brasileira. Este seu artigo sobre Nascimento vai ser publicado na prestigiada edição *Der postkoloniale Blick* (1997) de Paul Michael Lützeler onde este vai defender a convicção de Loetscher de que apenas uma sociedade multicultural poderá permitir a superação das marcas deixadas por séculos de colonialismo.<sup>23</sup>

Esta convicção reflectiu-se na própria escrita de Loetscher e se com o redescobrimto de Michail Bachtin cada vez mais é referido o “espírito carnavalesco” da literatura, é com certeza a variante brasileira desta festa polifónica da mulatização que marcará a obra de Loetscher. Tal como o seu sonho de uma

---

<sup>22</sup> “Ach Herr Salazar / stellen Sie sich doch bitte mal ins Tor / wenn Eusebio schießt [...]” HILTY, Hans Rudolf (1971): “Eusébio”, em: Theo RUFF/Peter K. WEHRLI (Ed.) - *dieses buch ist gratis*, Zürich, 1971 [1965], p. 46.

<sup>23</sup> “Loetscher erkennt, dass die Altlast des kolonialen Rassismus nur durch eine Gesellschaft mit multikultureller Einstellung überwunden werden kann.” LÜTZELER, Paul Michael (Ed.) - *Der postkoloniale Blick*, Frankfurt a.M, 1997, p. 23.

sociedade brasileira onde os mais variados povos, culturas e línguas se misturam harmoniosamente, na sua obra existirá uma clara tendência de misturar linguagens, estilos, temas e ambientes, criando, desta forma, uma imagem literária mais adequada aos nossos tempos. Trata-se de um processo com várias fases. Nos seus primeiros romances, *Esgotos* [*Abwässer*, 1963], *A Entrançadora de Coroas* [*Die Kranzflechterin*, 1964] e *Noé* [*Noah*, 1967], Loetscher varia a sua linguagem ainda de obra para obra; em *O Imune*, esta mudança já é de capítulo para capítulo e no romance *Os Papéis do Imune* [*Die Papiere des Immunen*, 1986], Loetscher vai mais um passo em frente. Aqui, as histórias tornam-se cada vez mais híbridas. Tal como o mundo em que vivemos não está direitinho dividido em diferentes culturas, também na sua obra, Loetscher pretende demonstrar este fluído cultural, seguindo assim o mesmo caminho de, p.ex., Salman Rushdie, quando este, em relação a *Os Versos Satânicos*, defende que novidades surgem como entidades misturadas, que as mudanças se fazem com base nas misturas, com base na união daquilo que era diferente.<sup>24</sup> No seu mais recente romance, *Os Olhos do Mandarim* [*Die Augen des Mandarin*, 1999], Loetscher leva esta mistura ao extremo. Todas as diferenças linguísticas, culturais ou religiosas desaparecem, todas as fronteiras geográficas, políticas ou temporais são ultrapassadas numa tentativa de procurar aquilo que nos une. Compara, p.ex., uma história da costa africana com uma que se passa num bairro de Chicago. Uma era o encontro de portugueses com africanos, a outra era acerca de um americano negro que viu pela primeira vez crianças brancas. Uma era da época dos descobrimentos e a outra do século XX, duas vezes, a experiência é igual: um vai esfregar com a sua saliva na pele do outro para ver se a cor do outro é natural ou pintada. Segundo Loetscher, ainda vivemos num mundo em que uns esfregam na pele dos outros; cada vez mais, no entanto, cresce a consciência de que por debaixo da nossa cor, podia estar a cor do outro. Na mesma obra, Loetscher vira-se contra aqueles pessimistas que falam de uma “McDonaldização” do nosso mundo, aqueles que vêm na internet ou na MTV uma ameaça para a diversidade cultural e fá-lo com uma história sobre a arquitectura gótica, onde um jovem suíço

---

<sup>24</sup> “Die, welche den Roman heute am lautstärksten bekämpfen, sind der Meinung, dass die Vermischung verschiedener Kulturen unvermeidlich zur Schwächung und Zerstörung ihrer eigenen führen müsse. Ich bin der entgegengesetzten Meinung. *Die Satanischen Verse* feiern die Hybridität, Unreinheit, Vermischung und Veränderung, die durch neue und unerwartete Verbindungen zwischen Menschen, Kulturen, Ideen, Politiken, Filmen, Songs entstehen. Sie freuen sich an der Bastardisierung und fürchten den Absolutismus der Reinheit. Als Mélange, als Mischmasch, ein bisschen von dem, ein bisschen von jenem, *so betreten Neuheiten die Welt*. Dies ist die grossartige Möglichkeit, die die Massenmigration der Welt gibt und die ich zu ergreifen versucht habe. *Die Satanischen Verse* sind für Veränderung durch Mischung, für Veränderung durch Vereinigung. Sie sind ein Liebeslied für Bastarde wie uns.” RUSHDIE, Salman - *Heimatländer der Phantasie*, München, 1991=1992, p. 458.

viaja pela Europa do século XII e é confrontado, onde quer que vá, com o mesmo tipo de catedral, queixando-se então – no século XII, bem entendido – que as diferenças estão a desaparecer. A segunda parte do romance é uma conversa entre um suíço e um mandarim chinês. Ambos chegam à conclusão que o mundo virou numa confusão. Dão, porém, uma explicação positiva à palavra “confusão”: vêm neste fim das velhas certezas, neste fim dos tradicionais ideais um novo início, pois só agora que o mundo se tornou numa grande aldeia, a verdadeira história global poderá começar. Esta mensagem de esperança em relação aos tempos do futuro, surge-nos através de um jogo de computador chamado “Xangai”. O jogo começa com uma situação de confusão: norte, sul, este e oeste estão completamente misturados, mas quando o jogador conseguir restabelecer a ordem, aparece o Dragão. Este dragão é o símbolo chinês para o ano novo, para a esperança daquilo que há de vir. E já que o mundo se tornou numa aldeia, poder-se-á organizar um “ano novo redondo”, com boas intenções contínuas. Começa-se pelo Ano Novo chinês; poucos meses depois, chega o Ano Novo budista, se entretanto as boas intenções foram esquecidas, haverá outra hipótese no Ano Novo muçulmano ou então espera-se só mais um pouco até chegar o Ano Novo judeu, podendo-se, no entanto, recomeçar tudo do zero no dia 1 de Janeiro.<sup>25</sup> Só posso esperar que estas boas intenções globais também se apliquem cada vez mais à obra de Hugo Loetscher para que a sua obra deixe de ser vista apenas como literatura suíça ou literatura de expressão alemã e passe a ser lida e interpretada como parte de uma literatura global, de uma literatura “mulatizada”.

*Jeroen Dewulf*

---

<sup>25</sup> LOETSCHER, Hugo - *Die Augen des Mandarin*, Zürich, 1999, p. 332.